

No encanto da água doce: uma lição de preservação das raízes, memórias e cultura de um povo

In the charm of fresh water: a lesson in preserving the roots, memories and culture of a people

Shirley Cristina Amador Barbosa

Universidade do Estado do Pará-UEPA

Belém/PA-Brasil

Erica de Sousa Peres

Universidade Federal do Pará-UFPA

Belém/PA-Brasil

Resumo: O presente texto relata histórias narradas e vivenciadas no encontro denominado “30 anos de Raízes Negras: Memória e Compromisso do Povo Negro”, realizado em julho de 2018 na comunidade quilombola do Pacoval localizada à margem direita do rio Curuá, no Município de Alenquer. Assim, registramos aspectos significativos da cultura e identidade desse povo, que se constitui a partir de um passado de luta e resistência a desvelar o poder da memória, do misticismo e o do saber popular que envolve esse território e o coloca como um lugar de reafirmação de experiências históricas que entrelaçam passado, presente e futuro. Destacamos vivências com a encantaria para narrarmos poéticas quilombolas que compõem a cosmovisão do povo negro da Amazônia Tapajônica, que resiste a colonialidade e aponta “outra” maneira de ver, de ser e de pensar o mundo e, assim, propicia aprendizados “outros” que estão para além da academia. A partir dessas considerações esperamos visibilizar e ampliar as discussões acerca das cosmovisões, tradições e identidades de comunidades quilombolas na região do Tapajós, haja vista que a presença negra nessa região é marcante e precisa, em sua pluralidade, ser reconhecida e valorizada.

Palavras-chave: Narrativas; Quilombo; Produção do Conhecimento; Bem viver.

Abstract: This text reports stories narrated and experienced at the meeting called “30 years of Black Roots: Memory and Commitment of the Black People”, held in July 2018 in the quilombola community of Pacoval located on the right bank of the Curuá river, in the Municipality of Alenquer. Thus, we record significant aspects of the culture and identity of this people, which is constituted from a past of struggle and resistance to unveil the power of memory, mysticism and popular knowledge that surrounds this territory and places it as a place of reaffirmation of historical experiences that intertwine past, present and future. We highlight experiences with enchantment to narrate quilombola poetics that make up the cosmovision of the black people of the Tapajônica Amazon, who resist coloniality and point to “another” way of seeing, being and thinking the world and, thus, providing “other” learning that are beyond the academy. Based on these considerations, we hope to make visible and expand discussions about the worldviews, traditions and identities of quilombola communities in the Tapajós region, given that the black presence in this region is remarkable and needs, in its plurality, to be recognized and valued.

Keywords: Narratives; Quilombo; Knowledge Production; Well live.

O início da viagem... barco, ventos, correntezas e aventuras na Amazônia tapajônica

Para iniciar o trajeto apresentamos um bocadinho da história e geografia da cidade de Alenquer, uma ilha que fica à margem esquerda do Rio Amazonas, limitando-se com os municípios de Óbidos, Monte Alegre, Santarém, Almerim e ao norte com as Guianas. Possui uma área de 22.808 quilômetros quadrados, foi nessa região, no ano de 2018 que vivenciamos muitas aventuras no sentido de aprender com os povos e comunidades tradicionais da Amazônia (AZEVEDO, 2002).

Alenquer cidade morena, conhecida pela sua diversidade cultural, pela sua linda fauna e flora, pelas cachoeiras, formações geológicas, em que as rochas ganham formas configurando desenhos que nos encantam. Seus lindos pontos turísticos e suas mais variadas paisagens dão destaque a essa cidade, que segundo relatos orais dos antigos, tem sua história de formação relacionada a ocupação e colonização portuguesa, assim, como as demais cidades do interior da Amazônia.

O território em que hoje localiza-se a cidade de Alenquer era habitado por povos nativos, indígenas, os quais denominaram essa região com o nome de povoado Surubiú, com a chegada dos portugueses, isso mudou, pois eles transformaram as aldeias em Vilas como sinal da chegada da civilização, esse processo se intensificou a partir da política do Marques de Pombal, com isso em 1758, o povoado Surubiú foi elevado à categoria de Vila, a qual recebeu a denominação de Alenquer, hoje uma das principais cidades do Baixo Amazonas (BEZERRA NETO, 2012).

Nessa cidade passamos um dia e, posteriormente, seguimos de ônibus (gentilmente cedido pela Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA) rumo ao quilombo do Pacoval, localizado a 60km deste município, que sediou o XI encontro denominado “30 anos de Raízes Negras - Memória e Compromisso do Povo Negro” realizado em julho de 2018.

O evento supracitado homenageou a professora Idalina Marinho, a qual foi a idealizadora do I Raízes Negras ocorrido em 1988. Segundo relatos dos pesquisadores que nos acompanhavam, a professora Idalina foi quem identificou a problemática da titulação das terras habitadas pelas comunidades quilombolas do município de Óbidos,

Alenquer, Monte Alegre, Oriximiná e teceu articulações com os quilombolas que começaram a se organizar em coletivos, reivindicando direitos junto ao poder público.

Foi a partir dessa mobilização e articulação que surgiu o evento Raízes Negras na cidade de Alenquer, dando início a um movimento político que propiciou a criação das associações quilombolas e a titulação da comunidade do Pacoval, sendo esta a primeira dessa região a ser titulada pelo INCRA em 1996 e, reconhecida em 15 de dezembro de 2018 pela Fundação Cultural Palmares.

O quilombo do Pacoval é palco de visibilidade na luta pela equidade racial e um marco na história da organização das comunidades quilombolas da região Oeste do Pará, onde vivenciamos experiências enriquecedoras, tanto para o âmbito pessoal, como também para a vida acadêmica, pois, as trocas e a circulação de saberes pulsavam nos discursos dos palestrantes, pesquisadores, professores e lideranças quilombolas que colocavam suas pautas de reivindicações para as autoridades municipais.

Neste cenário, destacamos as marcas das confluências de matrizes europeias, indígenas e africanas no modo de viver dos moradores do Pacoval, os quais demonstraram uma forte relação com o sagrado, um reenvolvimento com a natureza, com os encantados e as divindades interligadas às crenças dos ancestrais, onde percebemos práticas de sociabilidade baseadas no bem viver.

Para Monta Neto (2020), esses modos de sociabilidade possuem uma relação mais ecológica com a Terra e se conectam às sabedorias ancestrais, às lutas, resistências, sensibilidades e racionalidades que demonstram vivências individuais e coletivas entrelaçadas pelo enfrentamento ao capitalismo, ao racismo, as formas de opressão pelas quais passam os povos e comunidades tradicionais da América Latina e da Amazônia.

Nesse sentido, o Raízes Negra abrangeu uma perspectiva diferente dos eventos que a academia costuma promover, pois tudo o que foi realizado estava alinhado as práticas culturais dos quilombolas do Pacoval e, isso nos possibilitou perceber um manancial de saberes tradicionais locais que sinalizavam para um educar diferente, que envolve a espiritualidade, as sensibilidades e a produção do conhecimento que não segue os padrões de uma sala de aula (AIRES, 2016).

Assim, revela-se um mundo místico de crenças e manifestações conectadas as sabedorias das populações aquilombadas na região do Tapajós, cujas tarefas diárias, desenvolvidas de forma sustentável, possibilitam um re-envolvimento com o território que os alimenta e isso gera processos de ensino e aprendizagens que permeiam as nossas vidas, por meio das poéticas, subjetividades que envolvem a relação das pessoas com o

sagrado, com a natureza, com os encantados, que nos convocam à refletir sobre o bem viver, os diferentes modo de produção de conhecimento nos territórios ancestrais.

Ressaltamos, então, que este texto está pautado na metodologia da Escrivivência de Conceição Evaristo (2005), a qual dá ênfase a uma escrita com base na vivência e na força da oralidade, das narrativas de mulheres negras. Compreendemos esse método de produção do conhecimento como uma forma de superar o racismo no campo científico acadêmico, o qual tem silenciado ao longo da história da ciência, os saberes, a intelectualidade das populações subalternizadas, em específico o das mulheres negras.

Em seus escritos Evaristo (2005) procura romper com a literatura branca hegemônica, ao trazer para academia uma escrita sensível e crítica, que traz a potência do entoar da oralidade alinhada a vivência de mulheres que sempre lutaram contra o patriarcado, o capitalismo e o racismo. Diante disso, o ato de escrever, para a autora, é a ação de um corpo que recebe palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. Sendo a escrevivência um ato de insubordinação ao sistema que tenta invisibilizar as sabedorias das mulheres negras no processo de produção do conhecimento (EVARISTO, 2005).

Nesta perspectiva, o saber e a escrita aqui apresentados carregam os valores, as simbologias, a musicalidade das populações afrodescentes da Amazônia, assim, inicialmente, trazemos narrativas que em muitos aspectos que nos fazem refletir sobre outros modos de produção do conhecimento, os quais estão pautados nos valores, na identidade, no território, em relação íntima com a natureza. E em seguida, damos ênfase as narrativas produzidas a partir de vivências individuais e coletivas que se entrelaçam e são capazes de enfrentar os paradigmas hegemônicos no território do Pacoval.

Narrativas e vivências no quilombo do Pacoval

O nascer do sol era esperado, estávamos ansiosas para conhecermos a primeira comunidade quilombola titulada no Estado do Pará. Não sabíamos quais histórias, memórias, saberes, símbolos, crenças, aprendizagens seriam reveladas naquele território ancestral, habitado por descendentes de negros escravizados que se embrenharam em terras paraenses, e aqui marcaram sua presença. Seu legado está vivo na cultura do povo da Amazônia. Isso nos levou a pensar e a indagar quais expressões culturais gestadas por essas populações entrariam em cena no palco da Amazônia tapajônica?

Assim, em uma bela manhã, acordamos cedo, fomos direto para o prédio da Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA, nada podia dar errado, tudo parecia favorável para que, nós, um grupo de estudantes, professores e pesquisadores, podessemos chegar até o quilombo do Pacoval, lugar onde aconteceria o evento.

Pegamos o ônibus, porém, demoramos para sair do centro da cidade de Alenquer, pois a condução quebrou no meio do caminho, foi longo o tempo de espera por outro transporte. Até que finalmente seguimos o percurso, um caminho de difícil acesso, estradas de pedras, mata e fazendas as quais constituem historicamente o cenário que demonstra a maneira como os quilombos foram se formando naquele território (ACEVEDO MARIN, 2009).

Vicente Salles (1971), ao abordar sobre o processo de formação dos quilombos no Pará afirma que os negros ao aportarem na Amazônia, se rebelaram contra o sistema escravista, procuraram se aquilombar em lugares localizados no interior do território amazônico, e assim, formaram os quilombos ou mocambos e povoando este amplo território, dando origem aos grupos que etnicamente se configuraram como quilombolas.

Essas populações que habitavam os mocambos ou quilombos resistiram as mais diversas formas de violência, tanto física, quanto simbolicamente, mas para isso elaboraram muitas estratégias, muitos deles tiveram que se dividir em espaços menores ou se afastar dos aglomerados urbanos, porém, permaneceram resistindo no seio da floresta e nas margens dos rios.

Foi assim que os quilombolas passaram a habitar esses espaços, deixando um legado. E hoje os seus descendentes são herdeiros desse legado e permanecem construindo suas estratégias de re-existências, pois as políticas governamentais são ineficientes para lhes conferir estabilidade e segurança em seus territórios. Por isso, continuam a lutar contra as opressões, os quilombolas ainda vivenciam conflitos fundiários, os quais são constantes e crescentes, devido o avanço do capital e do agronegócio.

A problemática da invasão das terras faz com que os quilombolas se mobilizem pela titulação dos seus territórios ancestrais, pois os ditos “donos das terras”, os fazendeiros se denominam proprietários dos territórios tradicionalmente ocupados.

As comunidades quilombolas enfrentam diferentes situações em seu cotidiano, mas a demanda principal é o território, sendo este o motivo de conflitos entre quilombolas e os fazendeiros, os quais passam suas cercas dentro das propriedades coletivas, impedindo a população de usufruírem do bem mais precioso que é a terra, os rios, lagos, igarapés, campos naturais, que se

configuram como meio de subsistência desses povos (BARBOSA, 2020, p.102).

O trecho destacado nos faz lembrar das narrativas das lideranças do quilombo do Pacoval e outras regiões do tapajós, apresentavam suas pautas de reivindicações para as autoridades locais (prefeito de Alenquer-PA), o representante do Instituto Nacional da Colonização e Reforma Agrária-Incra e outras figuras importantes que se faziam presentes no evento.

Isso nos leva a refletir sobre a sabedoria que envolve as cosmovisões, a conexão com o lugar, memória, o culto a ancestralidade, um modo de sociabilidade que considera a incorporação da natureza, o cuidado com as pessoas, a defesa do território como elemento essencial para a sobrevivência dessas populações. Haja vista que:

O próprio grupo, que se desdobra na condição de narradores das trajetórias coletivas, reunindo atributos que se projetam para além do presente. Mostram-se, neste sentido, profundos conhecedores das particularidades ecológicas e geográficas, exímios artífices de paisagens, perquirindo realidades localizadas e esboçando caminhos entre acidentes naturais e artificiais topograficamente inimagináveis (ALFREDO WAGNER, 2013, p.158).

Nessa perspectiva, as populações quilombolas tem muito a ensinar. Evidenciamos isso a partir das narrativas e do modo de vida dos moradores do território do Pacoval na sua relação com a terra, ancestralidade base para a produção dos saberes e conhecimentos ecológicos que circulam nesse território ancestral.

As narrativas dos moradores do Pacoval nos instigam a trazer para este texto as histórias locais “conectadas com outras dimensões da vida social, como a economia, a organização social, a saúde, a educação, o meio ambiente, o sobrenatural, os invisíveis, os seres que protegem o quilombo, dimensões de uma relação ecológica com a Terra” (MOTA NETO, 2020, p. 48).

Nesta mesma direção, Agenor Sarraf Pacheco (2010), estudioso das questões religiosas dos povos dos campos e das florestas da Amazônia, pontua que esses territórios sagrados guardam e reafirmam uma religiosidade que está relacionada às crenças e divindades cultuadas por seus antepassados, assim explicita:

No veio das cosmologias que sustentam os modos de vida dessas populações de campos e florestas, está a interação e o respeito aos recursos naturais. Na contramão da lógica capitalista e globalizada que fragmentou o homem, a natureza e o campo espiritual, mergulhar no mundo das encantarias afro-indígenas é reencontrar-se com concepções de ser cujo centro é a vida humana em simbiose com o cosmo em todas as suas dimensões (PACHECO, 2010, p.105).

As ponderações do autor evidenciam as narrativas e o modo de sociabilidade dos moradores do Pacoval em relação ao tempo, à natureza, ao reencantamento da vida, aos saberes que se configuram através das tradições, dos costumes e crenças transmitidas oralmente. Esse modo de educar expressa lógicas outras, práticas epistêmicas decoloniais que ressoam na oralidade ao se narrar a história dos encantados daquele lugar.

Nesse sentido, um morador local nos relatou a história de um rapaz encantado que morava na região onde se localiza o igarapé da comunidade, por esse motivo as pessoas que não pertenciam ao território, deveriam ter cuidado ao ir se banhar naquelas águas, as pessoas deveriam pedir licença as entidades e divindades protetoras do local.

Ouvimos essa história em uma noite de luar, ao som dos tambores, das músicas que ecoavam no evento “Raízes”, no outro dia, continuamos nossas andanças e descobertas no território do Pacoval, reunimos um grupo de amigos, queríamos ir ao igarapé onde morava o encantado, porém, ninguém da comunidade se habilitou a nos levar até lá, falaram que era perigoso, mas nós não desistimos, uma garota de aproximadamente doze anos de idade se ofereceu para nos levar, mas disse que não ficaria lá, pois sua mãe não iria gostar de saber que ela tinha ido ao igarapé.

E assim aconteceu, a nos acompanhou até o igarapé, depois foi embora e nós ficamos nos banhando nas águas do igarapé, mas depois de um certo tempo mergulhados naquelas águas, chegou um rapaz que se apresentou como Ronaldo, dizia ser morador da comunidade, foi muito gentil conosco, brincou, sorriu, conversou e até tirou fotografias, no entanto, quando retornamos para o local onde estávamos hospedados, no centro da comunidade, perguntamos se alguém conhecia um rapaz por nome Ronaldo, ninguém o conhecia, pegamos as fotos para mostrar aos moradores, nas imagens da câmera, ele não aparecia, somente nosso grupo estava presente nas fotografias tiradas no cenário do igarapé.

Ao nos depararmos com essa situação lembramos das histórias que havíamos ouvido, então, podemos entender diante dos fatos, que estávamos vivenciando e experimentando algo mágico, algo sobrenatural, a expressão da identidade daquele território, o qual nos mostrou e revelou os seus sagrados saberes que constitui uma pedagogia da tradição, que faz ecoar vozes que reportam às reminiscências que permanecem entranhadas em nós, passadas de uma geração a outra (BARBOSA, 2020).

Esse é o educar diferente que nos possibilita vivenciar, compreender e trazer para este texto, aquilo que menciona Mota Neto (2020) ao falar de suas experiências com as divindades, a religião e as epistemologias da Amazônia, quando assim afirma:

Muitas dimensões da espiritualidade, portanto, na perspectiva do que tenho vivenciado como praticante de religião de matriz africana, surgem no horizonte: a valorização do corpo, a escrita como missão, o sentido coletivo e comunitário da pesquisa, o poder das intuições, a interculturalidade própria destas práticas religiosas, o seu sentido ecológico e humanitário (MOTA NETO, 2020, p. 55).

Essa relação mais próxima com a natureza e o sagrado, dialoga com as sabedorias insurgentes dos movimentos sociais, das culturas populares e das populações tradicionais grupos sistematicamente violados pelo preconceito às suas culturas, aos seus saberes, suas crenças e às suas narrativas (AIRES, 2016).

Nesse sentido, para cultuar suas divindades, tanto índios quanto negros “refizeram espaços do sagrado, inseriram outros repertórios e oráculos de matrizes culturais diversas” (PACHECHO, 2010, p. 90). Esse aspecto foi evidenciado nos discursos das lideranças quilombolas que apontavam as ameaças e violências que marcam a vida das populações negras, mas também um espaço identitário de diálogo entre o passado e o presente, entre memória e vivência.

Isso nos faz lembrar do momento em que entramos na capela do quilombo, onde avistamos um santo branco e ao lado um santo negro, percebemos o sincretismo religioso, as maneiras de resistências que os antigos escravos elaboravam para manter os seus costumes, e cultuar suas divindades frente ao colonialismo e a colonialidade.

Outra prática de resistência étnica e manifestação cultural dos quilombolas do Pacoval é o Marambiré, um festejo que inclui manifestações folclóricas e religiosas do catolicismo e cultos afrodescendentes. Em relação a isso Azevedo (2002) explica que:

O marambiré é uma rememoração da força e da coragem dos antepassados negros assassinados em batalhas, contra as tropas do governo ou caçadores de escravos. Os participantes do festejo do Marambiré, saem à rua em cordões e círculos, dançando nos terreiros das famílias descendentes de escravos, até a quinta geração, os brincantes por sua vez devem ter relação direta com a terceira linhagem de descendência negra (AZEVEDO, 2002, p. 56).

Esse aspecto das expressões identitárias dos quilombolas do Pacoval demonstraram o Marambiré como um rito sagrado, fascinante, que nos possibilita conectar com o divino, um poder mítico da natureza. Essa manifestação cultural é passada de geração para geração, envolve a corporeidade e oralidade, recriada no universo teatral-ritual com rei, rainhas, tocadores, valsares, mestres e contramestres.

A festa do Marambiré acontece em homenagem à São Benedito, santo católico venerado em Portugal desde o século XVI e trazido ao Brasil pelos padres portugueses.

Por ter sido ex-escravizado foi adotado pelos africanos e seus descendentes em solo brasileiro como alguém por quem se tem grande admiração e respeito, tornando-se um santo negro de grande devoção. Essa festa ocorre no período de dezembro a janeiro, quando os quilombolas do Pacoval celebram o Natal, o nascimento de Jesus e a conquista do direito de serem livres dos chicotes e perseguições dos antigos senhores das terras.

Foi possível observar na performance do Marambiré a denúncia e a reivindicação de melhores condições de vida para os quilombolas daquela região. Nesse sentido, “é possível afirmar que o povo negro luta por sua liberdade ainda nos dias de hoje, seja por meio de seus empenhos por conquistas sociais (direitos básicos, cotas raciais etc.) ou mesmo na luta contra o racismo” (MONTEIRO, 2021, p. 375).

Considerações finais

As narrativas, vivências e experiências as quais apresentamos neste texto, são marcas de nossas andanças, sensibilidades e produção do conhecimento de uma população diversa, que luta diariamente por sobrevivência, resistindo à colonialidade. Assim, esta escrita vivência serve para articular os debates educacionais na perspectiva do bem viver, com as práticas de lutas dos movimentos sociais, às conquistas dos povos e comunidades tradicionais que vivem na Amazônia.

A partir destes registros, almejamos contribuir para que se amplie o debate sobre outras formas de produção do conhecimento, com base nas ações de homens e mulheres negras quilombolas, os quais vem travando lutas pela titulação da terra, por melhores condições de vida, e por direito de cultuar suas divindades, na busca por viver em um mundo mais solidário e fraterno.

Tendo em vista a atual conjuntura política que vivenciamos em nosso país, faz-se necessário, aprendermos com essas populações que se mobilizam e continuam a reexistir, para garantir os seus direitos étnicos e territoriais. Essa foi a mensagem política compartilhada no evento “Raíces” embalado pela dança, pela música e pelo ecoar das vozes que entoavam a ética de cuidado com a terra, a relação com o sagrado, com a natureza, com o território que se apresenta como abrigo para sobrevivência humana.

Mediante isso, as sabedorias das populações quilombolas da Amazônia nos fazem refletir sobre questões ambientais, solidariedade, espiritualidade sensível construída a partir de outras lógicas, de uma educação que acontece para além dos muros da academia, nas tessituras das experiências epistemológicas criadas por homens e mulheres negras que se educam mostrando a importância não apenas da preservação da natureza, dos territórios

sagrados, mas a necessidade da construção de uma forma de viver sustentável e ecológica, que promova mudanças nas ações humanas.

Referências

AIRES, Geovania Machado. **Educação a céu aberto e escolarização no território do formoso**: um estudo etnográfico a partir dos saberes e conhecimentos tradicionais locais como contribuição para as escolas estabelecidas nas comunidades quilombolas Olho D'água e Lagoa Mirim. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Maranhão, 2016.

ARIAS, Patricio Guerrero. **Corazonar una antropología comprometida con la vida**. Miradas otras desde Abya-Yala para la decolonización del poder, del saber y del ser. Ediciones Abya-Yala: Quito-Ecuador, 2010.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. JÚNIOR, E. de A. F. **Povos e comunidades tradicionais**: nova cartografia social. Manaus: UEA Edições, 2013.

AZEVEDO, Idaliana Marinho de. **Puxirum**: Memória dos Negros do Oeste Paraense. Belém: IAP, 2002.

BEZERRA NETO, José Maia. **Escravidão Negra no Pará (séculos XVII-XIX)**. 2. ed. Belém: Paka-tatu, 2012.

BARBOSA, Shirley Cristina Amador. **Educação, Resistência e Tradição oral**: uma forma outra de ensinar e aprender na comunidade quilombola Vila União/Campina, Salvaterra-PA. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. Revista do programa avançado de cultura contemporânea. ISSN 1980- 9921, 2005. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita/>. Acesso em: 17 de julho de 2022.

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. **Quilombolas na Ilha do Marajó**: território e organização política. In: GODOI, Emilia Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida de; MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo (orgs.). Diversidade do campesinato: expressões e categorias - construções identitárias e sociabilidades São Paulo: Editora UNESP, 2009. v. 1, p. 209-227.

MOTA NETO, João Colares. **Espiritualidade, sensibilidades e produção do conhecimento em tempos de Corona vírus**: uma escrivência sobre o sagrado e as ecopedagogias decoloniais. Religare, v.17, n.1, agosto de 2020, p.41-78.

MONTEIRO, Ygor Saunier Mafra Carneiro. **Festa do Marambiré do Quilombo**

Pacoval (Pa). REH- Revista Educação e Humanidades, Volume II, número 2, pág.365-393, jul-dez, 2021, Manaus.

PACHECO, Agenor Sarraf. **Encantarias Afroindígenas na Amazônia Marajoara:** Narrativas, Práticas de Cura e (In) tolerâncias Religiosas. Horizonte, Belo Horizonte, v. 8, n. 17, p. 88-108, abr./jun, 2010.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará sob o regime da escravidão.** Fundação Getúlio Vargas em convênio com a Universidade Federal do Pará, 1971.

SOBRE AS AUTORAS

Shirley Cristina Amador Barbosa. Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGED/UEPA, Mestre em Educação (PPGED-UEPA), Especialista em Práticas Pedagógicas na Educação do Campo (UFPA). Graduada em pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Membro do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP- UEPA) e da Rede de Pedagogias Decoloniais na Amazônia.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0957-8768>

E-MAIL: shirleyamador@hotmail.com.

Erica de Sousa Peres. Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação -PPGED/UFPA, Mestre em Educação (PPGED-UEPA), Especialista em Saberes Africanos e Educação Afro-brasileira na Amazônia (UFPA). Graduada em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e Bacharel em Serviço Social (UFPA). Atualmente é professora Ad-4 Seduc e docente da Unama- Ananindeua. Membro dos grupos de pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA- UEPA) e Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação e Infância na Amazônia (GEPHEIA-UFPA) e da Rede de Pedagogias Decoloniais na Amazônia.

E-MAIL: ericaperes_22@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1851-8997>

Recebido: 27/09/2022

Aprovado: 28/10/2022